

ANEMIA FALCIFORME: ESTUDO DA INCIDÊNCIA DO TRAÇO FALCIFORME NUMA AMOSTRA POPULACIONAL NA CIDADE DE ARARAQUARA, SP, EM INDIVÍDUOS ACIMA DE 18 ANOS (APOIO UNIP)

Aluna: Taina Neves

Orientadora: Profa. Dra. Maira da Penha Marques da Silva Perez

Curso: Biomedicina

Campus: Araraquara

Uma mutação na cadeia beta da hemoglobina, com a substituição do aminoácido ácido glutâmico pela valina gera hemoglobina S anormal, a qual se falciza em condições de baixa tensão de oxigênio. A doença ocorre quando os dois genes da hemoglobina estiverem alterados e é condição bastante grave; se o indivíduo receber o gene alterado de apenas um dos pais, ele terá o traço falciforme, com raras chances de complicações clínicas e necessidade de tratamento. O maior risco é quando dois indivíduos como traço falciforme geram um filho, que então pode apresentar a forma grave da doença, havendo aí a necessidade de aconselhamento genético. O objetivo do projeto é verificar a incidência de traço falciforme numa população com indivíduos acima de 18 anos e se estes são conhecedores desta condição, pois somente em 2001 a triagem para HbS foi incluída no Programa Nacional de Triagem Neonatal. O teste utiliza a técnica de Daland e Castle, em que há consumo químico do oxigênio do sangue do paciente, pela adição de metabissulfito de sódio; observa-se o surgimento de hemácias na forma de foice, entre uma e duas horas após a coleta e no aumento de 100 vezes. Como resultados obtidos de 82 amostras coletadas até o mês de maio/2019, 59% dos voluntários são mulheres e 41% dos voluntários são homens, além disso, a maioria dos participantes tem idade entre 28 e 38 anos, tendo sido encontrada uma portadora de traço falciforme de 21 anos, conhecedora da condição.